

Turismo arqueológico em sítios pré-coloniais do Rio Grande do Sul – Brasil

Thais Gaia Schüler* Magna Lima Magalhães** Roswithia Weber***
Universidad Feevale (Brasil)

Resumo: Este artigo objetiva identificar ações de aproveitamento turístico de sítios arqueológicos ligados a tradições pré-coloniais no Rio Grande do Sul (Brasil). Utilizando a abordagem qualitativa, apresenta e discute dados empíricos e bibliográficos referentes ao desenvolvimento de ações turísticas nos sítios que integram roteiros turísticos comercializados. A discussão dos casos em questão indicou a importância da iniciativa privada e da mediação turística enquanto consolidadoras das ações. No Rio Grande do Sul, o turismo arqueológico tem destaque em sítios históricos, mas vem sendo promovido em alguns sítios pré-coloniais. O turismo arqueológico emerge no Brasil como uma possibilidade de extroversão do patrimônio arqueológico e vem ganhando a atenção nos principais centros de arqueologia do país.

Palavras-chave: Patrimônio arqueológico; Turismo arqueológico, Pré-colonial; Rio Grande do Sul; Brasil.

Archaeological tourism in pre-colonial sites from Rio Grande Do Sul - Brazil

Abstract: This paper analyses how to use archaeological sites linked to pre-colonial traditions in Rio Grande do Sul (Brazil) for tourism. Using the qualitative approach, it presents and discusses empirical and bibliographical data on previous tourist activity at the sites that are integrated into various commercialised tourism circuits. The discussion of the cases shows the importance of private initiatives and the importance of tourism toward consolidation of certain measures. In Rio Grande do Sul, archaeological tourism is prominent in marked sites of historical importance but is also being promoted in some pre-Colonial sites. Archaeological tourism in Brazil is seen as a possible enhancement of the value of our archaeological heritage in the world.

Keywords: Archaeological heritage; Archeological tourism; Precolonial; Rio Grande do Sul; Brazil.

1. Introdução

A arqueologia constitui-se em uma atividade da ciência social cujo foco de estudo está nos processos históricos decorrentes da análise dos vestígios materiais deixados por sociedades humanas (Scatamacchia, 2005). Considera que a cultura material envolve desde a efetiva produção de objetos até as marcas e restos deixados nos processos históricos, constituindo-se como objeto de análise também a matéria-prima empregada, o contexto de deposição, as condições climáticas do período em questão, entre outras variáveis.

Embora seja fortemente relacionada ao estudo de sociedades ágrafas, a arqueologia histórica, aquela relacionada ao estudo de vestígios materiais de grupos humanos que desenvolveram alguma forma de escrita, vem sendo associada a processos historiográficos e apresenta-se também como campo de interesse do turismo.

Através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a legislação brasileira estabelece diretrizes relacionadas à Educação Patrimonial que determinam a obrigatoriedade de incluí-las nas ações ligadas à prática arqueológica, preconizando a multidisciplinaridade na consolidação de efetivos Projetos Integrados de Educação Patrimonial. Este conceito de socialização da arqueologia, chamado de extroversão, refere-se à publicização das pesquisas arqueológicas e de seus resultados à

* Universidad Feevale (Brasil); E-mail: thaissschuler@yahoo.com.br

comunidade local e aos interessados (Ministério da Cultura do Brasil, 2015 e 2016). Segundo Bastos (2006), o conceito de extroversão é enraizado na ideia de Educação Patrimonial, e deve acompanhar os trabalhos de campo para identificar a melhor forma de levar o conhecimento adquirido às comunidades afetadas pelas pesquisas. Para o autor, o conhecimento arqueológico deve ser possível a todos aqueles que querem dele se apropriar, criando uma linguagem capaz de integrar comunidade e conhecimento. O turismo arqueológico, embora ainda não seja uma prática consolidada em espaços arqueológicos no Brasil, se apresenta, neste contexto, como uma possibilidade de extroversão e de geração de renda. Para Godoy (2015), relaciona-se diretamente às questões de responsabilidade social, legal e moral de que trata a Arqueologia Pública.

Estudos que relacionam turismo e arqueologia vêm sendo desenvolvidos pelos principais centros de estudos de arqueologia do Brasil, a exemplo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Museu Paraense Emílio Goeldi, além do próprio IPHAN. A tese apresentada por Alfonso (2012) no MAE/USP, atenta para a ínfima produção científica sobre a relação entre turismo e arqueologia no Brasil, seja em periódicos nacionais, na edição de livros ou na defesa de dissertações e teses. O artigo apresentado por Godoy (2015) alguns anos após, indica um potencial aumento do interesse acadêmico pelo assunto.

Das diversas abordagens através da qual pode ser pensado o turismo, procuramos aqui, privilegiar uma concepção que permita articulá-lo com outras áreas do conhecimento, compreendendo-o como fenômeno social capaz de promover e dar uso a espaços de difícil preservação, dentro de uma lógica de valorização patrimonial, mas também considerando o viés econômico.

Este trabalho é parte das pesquisas desenvolvidas no âmbito do mestrado acadêmico em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale e busca identificar os sítios arqueológicos pré-coloniais que recebem uso turístico no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Utilizando o levantamento de dados bibliográficos e a metodologia da pesquisa de campo, favoreceu-se o tratamento de dados pela abordagem qualitativa, apresentando e discutindo os casos que integram roteiros turísticos comercializados. Inicialmente, apresenta-se um panorama geral acerca dos principais estudos acadêmicos sobre o turismo arqueológico no Brasil, privilegiando o que tem sido desenvolvido no estado do Rio Grande do Sul. A seguir, apresentando a metodologia adotada, são expostos os dados provenientes da pesquisa de campo que mapeou os sítios arqueológicos pré-coloniais utilizados turisticamente neste estado, discutindo-se as práticas desenvolvidas naqueles sítios que são parte integrante de roteiros turísticos comercializados.

2. O turismo arqueológico: contexto Brasil e Rio Grande do Sul

De acordo com os estudos de Lopez e Moreno (2018), o turismo arqueológico não se configura como uma prática nova, sendo o passado uma curiosidade humana que se relaciona, enquanto fenômeno coletivo, ao *Grand Tour* do século XVIII e que terá em locais da antiguidade clássica (Grécia e Itália) e Oriental (Egito) importantes pontos referenciais. É verificável, segundo os autores, a ocorrência de um interesse contemporâneo pelo turismo arqueológico relacionado ao Turismo de Interesse Especial que emerge nos anos 80 como uma alternativa ao turismo massificado do segmento Turismo de Sol e Praia. No Turismo de Interesse Especial, o turista demanda serviços mais relacionados à identidade cultural do destino, valorizando o desenvolvimento sustentável local e a ideia de maior exclusividade nos serviços.

Lopez e Moreno (2018) entendem o interesse pelo patrimônio arqueológico como elemento central na delimitação conceitual do turismo arqueológico que pode manifestar-se tanto no deslocamento a sítios como a museus que detenham os acervos arqueológicos. Consideram a ocorrência, ainda, de deslocamentos motivados pela aquisição de artefatos arqueológicos, mas também a ocorrência de visitação a locais de interesse arqueológico relacionado ao aprofundamento do conhecimento acerca de determinada destinação (Lopez e Moreno, 2018).

A delimitação conceitual de turismo arqueológico adotada pelo Ministério do Turismo do Brasil considera a definição proposta por Widmer (2009, *apud* Ministério do Turismo do Brasil, 2010: 23):

o deslocamento voluntário e temporário de indivíduos, motivados pelo interesse ou desejo de conhecimento de aspectos pertinentes a culturas passadas, a locais onde se encontram vestígios materiais representativos de processo evolutivo do homem no planeta, deixados por sociedades pretéritas.

Nesse sentido, considera o turismo arqueológico como um subsegmento abrangido pelo turismo cultural. No entanto, os estudos de casos relacionados ao aproveitamento de áreas de interesse arqueológico pré-colonial que vem sendo desenvolvidos no Brasil tem o aproximado do Ecoturismo (Souza, 2012; Veloso e Cavalcanti, 2007; Filho e Monteiro, 2009; Godoy, 2015). Alguns *cases* apresentam, ainda, características relacionadas ao Turismo de Base Comunitária, modalidade turística que recebe considerável atenção no cenário nacional por atribuir à comunidade local o poder decisório acerca dos rumos das atividades de turismo.

Um sítio arqueológico é classificado como histórico quando a ocupação humana estudada é posterior ao processo de colonização. Um sítio é pré-colonial quando se refere a ocupações ligadas a grupos humanos anteriores à colonização; e de contato, quando o local indica a ocorrência de ocupações humanas que estabeleçam contato entre grupos humanos de traços tecnológicos distintos.

Segundo as pesquisas de Souza (2012), a maior parte dos sítios arqueológicos aproveitados turisticamente no país são relacionados à arqueologia histórica e desenvolvem-se como estratégia de uso de edificações protegidas por instrumento legal, majoritariamente localizadas em áreas urbanas (Souza, 2012). Quando referentes ao período pré-colonial, o uso turístico de sítios relaciona-se àqueles de maior visibilidade e tamanho, como sambaquis e rupestres, nos quais é possível uma identificação mais objetiva de vestígios por parte dos visitantes (Souza, 2012).

Constituem-se como trabalhos referenciais as ações turísticas desenvolvidas no Sambaqui da Beirada (Kneip *et al*, 2017) e no Sambaqui da Tarioba (Oliveira, 2011), ambos no Rio de Janeiro; nos museus a céu aberto da Ilha do Campeche (Chamas, 2008) no estado de Santa Catarina; nas visitações em sítios rupestres em Carnaúba das Dantas (Nóbrega e Araújo, 2015; Ferreira, 2013) no Rio Grande do Norte; e no oeste do sertão do estado de Alagoas, envolvendo os municípios de Delmiro Gouveia, Olho D'água do Casado, Piranha e Pão de Açúcar (Alfonso, 2012), entre outros.

A referência nacional em termos de turismo em sítios pré-coloniais é o Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí (Alfonso, 2012; Veloso e Cavalcanti, 2007), o qual ganhou popularidade pela pesquisa que vem sendo desenvolvida pela equipe da arqueóloga Niède Guidon que propõe que a chegada do ser humano ao continente Americano tenha ocorrido há cerca de 30 mil anos atrás. Os sítios arqueológicos desta região são Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1991, e o planejamento do turismo local envolve, segundo Veloso e Cavalcanti (2007), amplas ações que visam à proteção natural e arqueológica. A criação da Fundação do Homem Americano para o acompanhamento de ações de gestão e captação de recursos pode ser mencionada como uma das amplas ações de conscientização e envolvimento da comunidade local e incentivo ao desenvolvimento social e econômico, paralela a ações de manejo e infraestrutura do parque (Filho e Monteiro, 2009).

Para Veloso e Cavalcanti (2007), na experiência brasileira relacionada ao turismo arqueológico, deve ser mencionado, ainda, o trabalho de educação patrimonial desenvolvido pela Organização Não Governamental (ONG) Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, na cidade de Nova Olinda, interior do sertão cearense. Localizada dentro da Reserva Florestal na Chapada do Araripe, através do Projeto “a Chapada do Araripe e seus sítios arqueológicos”, a ONG desenvolve iniciativas que se relacionam a atividades de turismo de base comunitária, trabalhando com pousadas domiciliares administradas por meio de uma cooperativa, aulas de museologia e turismo para capacitar e qualificar o receptivo local (Araújo, 2017).

No Rio Grande do Sul, estado que registra em seu território 3725 sítios arqueológicos¹, o turismo arqueológico tem destaque em sítios históricos. O grande ícone turístico do estado é o Parque Histórico Nacional das Missões², principalmente o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, tombado pelo IPHAN em 1938 e declarado Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO em 1983 (Souza, 2012). O registro de ações de extroversão relacionada à arqueologia missioneira realizado por Moraes (2012) demonstra ser este Parque a referência estadual também no que se refere às ações de extroversão do patrimônio arqueológico. Nossa pesquisa *in loco* (realizada em agosto de 2016) mostra que este sítio histórico recebe constante trabalho paisagístico, investimento em infraestrutura local e de acesso, musealização *in situ*, oferta agregada (espetáculo Som & Luz e loja de souvenirs), elaboração de material e de ações pedagógicas, entre outros relevantes componentes relacionados ao uso turístico.

Outros sítios arqueológicos históricos, como a Casa Gomes Jardim em Guaíba (Monticelli *et al*, 2005), além de sítios da região urbana de Porto Alegre e de Pelotas relacionados ao Programa Monumenta³ são também significativos em termos de atratividade e de uso turístico no estado do Rio Grande do Sul.

3. Turismo arqueológico em sítios pré-coloniais do Rio Grande do Sul: metodologia e discussão de *cases* integrantes de roteiros turísticos comercializados

Tendo por objetivo central o mapeamento e a coleta de informações preliminares para a discussão sobre o turismo em sítios pré-coloniais do estado, esta pesquisa, de caráter qualitativo, aplicado e descritivo, foi realizada entre maio de 2017 e outubro de 2018. Para tanto, foram determinadas três etapas, desenvolvidas de forma concomitante.

Em uma primeira fase, caracterizada pela pesquisa de campo e pelo levantamento de fontes, buscou-se identificar sítios pré-coloniais no estado do Rio Grande do Sul que pudessem ser apontados como desenvolvedores de atividades turísticas. Para tanto, estabeleceu-se como parâmetros sítios pré-coloniais que recebam fluxos turísticos, ainda que irregulares e espontâneos; sítios pré-coloniais que sejam promovidos por órgãos de gestão turística⁴ como atrativos locais; e sítios pré-coloniais que integram roteiros turísticos comercializados.

Da pesquisa de campo e pelo contato com o *trade* turístico (especialmente agências e operadoras de viagens), passando pelas instituições de representação de órgãos vinculados ao turismo e pelos principais institutos de arqueologia do estado⁵ até o próprio IPHAN, esta etapa gerou a identificação preliminar de seis locais⁶ dentro do estado do Rio Grande do Sul (Mapa 1) que desenvolvem o aproveitamento turístico de sítios pré-coloniais:

- Sítios pré-coloniais que recebam fluxos turísticos, ainda que irregulares e espontâneos: Sambaqui do Capão Alto (RS-LN-19⁷), situado na área central do município litorâneo de Xangri-lá.
- Sítios pré-coloniais que sejam promovidos por órgãos de gestão turística como atrativos locais: Sítio Capivara ou Capivari I (RS-C-43), localizado na área central do município de Lindolfo Collor; Parque Arqueológico do Homem do Planalto das Araucárias (PAHPA) abrangendo o sítio RS-PE-42 e outros, localizado no município de Pinhal da Serra.
- Sítios pré-coloniais que integram roteiros turísticos comercializados⁸: Conjunto de sítios na Comunidade de Criúva, interior do município de Caxias do Sul; Sítio Garivaldino Rodrigues (RS-TQ-58) no interior do município de Brochier; Abrigo da Pedra Grande (RS-SM-07), em São Pedro do Sul.

Mapa 1: Sítios arqueológicos pré-coloniais com uso turístico no Rio Grande do Sul (Brasil)



Fonte: elaboração própria, utilizando Google Earth

Na fase seguinte, de caráter bibliográfico, buscou-se a sintetização de dados acerca das pesquisas arqueológicas desenvolvidas nestes locais, estabelecendo as tradições tecnológicas de ocorrência, trazendo dados de cadastro no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN e dados referentes à atividade turística (Quadro 1).

Quadro 1: Sintetização de dados sobre os sítios pré-coloniais com utilização turística no estado do Rio Grande do Sul

Sítios pré-coloniais que recebam fluxos turísticos, ainda que irregulares e espontâneos				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradição tecnológica e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Sambaqui do Capão Alto (RS-LN-19)	Litoral Norte Gaúcho	Xangri-lá	Tradição Sambaquiiana. Pesquisas ocorridas na primeira metade da década de 1980 (Wagner, 2009).	Motivação turística associada ao Turismo de Sol e Praia; Localização urbana e central; Impactos antrópicos em decorrência da visitação sem controle ou mediação.
Sítios pré-coloniais que sejam promovidos por órgãos de gestão turística enquanto atrativos locais				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradições tecnológicas e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Sítio Capivara ou Capivari I (RS-C-43)	Vale do Rio dos Sinos	Lindolfo Collor	Tradição Umbu. Pesquisas ocorridas entre 1985 e 1986 (Jacobus e Rosa, 2013) e 2005 (Dias, 2006)	Localização urbana e central; Promovido como atrativo turístico a partir de projeto de valorização patrimonial da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE);
Parque Arqueológico do Homem do Planalto das Araucárias (PAHPA): RS-PE-42 e outros	Campos de Cima da Serra	Pinhal da Serra	Tradição Taquara. Pesquisas ocorridas entre 2005 e 2009 (Bisinella, 2012)	Conjunto de sítios de habitações subterrâneas; Primeiro Parque Arqueológico do RS; Projeto de uso turístico originado pelas pesquisas da UFRGS entre 2005 e 2009, com financiamento da Usina Hidrelétrica de Barra Grande (BAESA); Promovido pelo IPHAN e pela Prefeitura Municipal.
Sítios pré-coloniais que integram roteiros turísticos comercializados				
Nome do sítio	Região Turística	Município	Tradições tecnológicas e pesquisas arqueológicas	Informações relacionadas ao turismo
Conjunto de sítios na Comunidade de Criúva (RS 74, 75, 76 e outros)	Uva e Vinho	Caxias do Sul	Tradição Taquara. Pesquisas ocorreram na década de 1960 e no início dos anos 2000 (Corteletti, 2008)	Roteiro turístico originado a partir das pesquisas de pesquisa acadêmica; Motivação turística associada ao segmento ecoaventura e ao turismo em espaço rural.
Afonso Garivaldino Rodrigues (RS-TQ-58)	Vale do Caí	Brochier	Tradições Umbu e Taquara. Pesquisas ocorreram na década de 1980 e em 2005 (Dias, 2006)	Roteiro turístico originado a partir de pesquisas de nível técnico; Motivação turística associada ao segmento ecoaventura e ao turismo rural.
Abrigo da Pedra Grade (RS-SM-07)	Central	São Pedro do Sul	Tradições Umbu e Guarani. Pesquisas ocorreram na década de 1980, em 2002 e 2012 (Zuse, 2009)	Maior conjunto de petróglifos do estado do RS; Fluxos espontâneos sem mediação gerou grandes impactos no patrimônio.

Fonte: elaboração própria

Na terceira e última etapa, caracterizada pelo estudo de caso com dados combinados da bibliografia e de constatações empíricas, foi realizada a discussão acerca das atividades de turismo desenvolvidas nos sítios que integram roteiros turísticos comercializados. Nesta etapa, a metodologia de hierarquização de atrativos e a segmentação turística foram utilizadas como balizadoras nas análises.

A metodologia de hierarquização de atrativos consiste em um instrumento de planejamento turístico elaborado pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR) e adaptado pelo Ministério do Turismo do Brasil que busca estabelecer uma quantificação a partir de uma análise qualitativa (Quadro 2). Considera o grau de uso atual (insignificante, pequeno, médio ou grande), a representatividade (nenhuma, elemento comum, pequeno grupo de elementos similares, raro), o apoio local e comunitário (nenhum, apoiado por pequena parcela, apoio razoável, apoiado por grande parte da comunidade), o estado de conservação (péssimo, regular, bom, ótimo), a infraestrutura (inexistente, existente em estado precário, existente necessitando intervenções/melhorias, em ótimas condições) e o acesso (inexistente, existente em estado precário, existente necessitando intervenções/melhorias, em ótimas condições).

Quadro 2: Critérios da metodologia de Hierarquização de Atrativos

	Valores a serem atribuídos			
Critérios	0	1	2	3
Potencial de atratividade (valor deve ser multiplicado por 2)	Nenhum Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capaz de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais).	Baixo Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capaz de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais).	Médio Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país ou estrangeiros, em conjunto com outros atrativos próximos a este.	Alto Atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais.
Grau de uso atual	Fluxo turístico insignificante	Pequeno fluxo	Média intensidade de fluxo	Grande fluxo
Representatividade (valor deve ser multiplicado por 2)	Nenhuma	Elemento bastante comum	Pequeno grupo de elementos similares	Elemento singular, raro
Apoio local e comunitário	Nenhum	Apoiado por uma pequena parte da comunidade	Apoio razoável	Apoiado por grande parte da comunidade
Estado de conservação da paisagem circundante	Estado de conservação péssimo	Estado de conservação regular	Bom estado de conservação	Ótimo estado de conservação
Infraestrutura	Inexistente	Existente, porém em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/melhorias	Existente e em ótimas condições
Acesso	Inexistente	Em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/melhorias	Em ótimas condições

Fonte: adaptado de Ministério do Turismo do Brasil, 2007

Esta metodologia:

(...) permite fixar o valor intrínseco do próprio recurso com base em suas principais características, das quais se obtém um índice de qualidade que pode ser comparável ao calculado para outras áreas ou recursos de características similares. Tal análise possibilita atribuir valor quantitativo ao atrativo, de modo a classificá-lo em uma escala de hierarquização, demonstrando em números o valor de potencialidade de cada atrativo e do município. Esse instrumento de análise é de fundamental importância para o processo de planejamento turístico, pois auxilia na tomada de decisão dos planejadores. (Fernandes e Menezes, 2010: 74).

A segmentação turística, por sua vez, consiste em uma estratégia proposta pelo Ministério do Turismo do Brasil que tem base nas características de consumo da demanda turística, visando à organização para fins de planejamento e gestão (Ministério do Turismo do Brasil, 2010).

A adoção destas metodologias, nesta análise, buscou muito mais estabelecer parâmetros para a discussão qualitativa de práticas do que definir um quantitativo fixo ou definitivo para o turismo desenvolvido nos três sítios arqueológicos trabalhados (Quadro 3).

Quadro 3: Aplicação da metodologia de Hierarquização de Atrativos aos sítios pré-coloniais integrantes de roteiros turísticos comercializados

	Sítio Arqueológico Pré-Colonial do RS	Conjunto de Sítios na Criúva (Caxias do Sul)	Afonso Garivaldino Rodrigues: RS-TQ-58 (Brochier)	Abrigo da Pedra Grande (São Pedro do Sul)
	Segmentação turística predominante	Ecoturismo e Turismo de Aventura	Ecoturismo e Turismo Rural	Turismo Cultural
Aplicação da Metodologia de Hierarquização de Atrativos	Potencial de atratividade (Valor multiplicado por 2)	Médio $2 \times 2 = 4$	Baixo $1 \times 2 = 2$	Alto $3 \times 2 = 6$
	Grau de uso atual	Pequeno Fluxo 1	Pequeno Fluxo 1	Média Intensidade 2
	Representatividade (Valor multiplicado por 2)	Pequeno grupo de elementos similares $2 \times 2 = 4$	Elemento bastante comum $1 \times 2 = 2$	Elemento singular, raro $3 \times 2 = 6$
	Apoio local e comunitário	Apoio razoável 2	Apoio razoável 2	Apoiado por uma pequena parte da comunidade 1
	Estado de conservação da paisagem circundante	Estado de conservação regular 1	Estado de conservação regular 1	Estado de conservação regular 1
	Infraestrutura	Inexistente 0	Inexistente 0	Inexistente 0
	Acesso	Em estado precário 1	Inexistente 0	Existente, mas necessitando de intervenções/ melhorias 2
	Total	13	8	18

Fonte: elaboração própria

3.1 Conjunto de sítios na comunidade de Criúva (Caxias do Sul)⁹

No norte do município de Caxias do Sul, na divisa com os municípios de São Francisco de Paula, Monte Alegre dos Campos, Campestre da Serra e São Marcos, localiza-se a região da Criúva, na região

turística da Uva e Vinho. Historicamente, a localidade tem seu desenvolvimento econômico associado ao tropeirismo¹⁰, e até a década de 1950 o distrito pertencia ao município de São Francisco de Paula.

Os sítios arqueológicos que estão inseridos nesta localidade se devem ao estabelecimento de grupos humanos provenientes da segunda leva migratória¹¹ que ocupou o estado do Rio Grande do Sul, ocorrida há aproximadamente dois mil anos atrás (Corteletti, 2008). Advindos do planalto central brasileiro, os grupos humanos de matriz Jê são tratados por alguns autores como Jês do Sul ou Proto-Jê e são associados, nos estudos etnológicos, aos Kaingang (Schmitz, 1991; Dias e Jacobus, 2000).

Estes grupos humanos se estabeleceram, neste estado, em três ambientes distintos: na planície litorânea, próximo a lagoas e restingas; na encosta do planalto e nos vales florestados; e na região do planalto (com campos e araucárias). Nesta última área, situada nas regiões de maior altitude como a de Caxias do Sul, o padrão de assentamento destas populações indica uma tradição cultural vinculada à ocorrência de estruturas com amplo manejo da terra, a exemplo das casas subterrâneas e dos montículos funerários (Beber, 2004). Os montículos funerários originaram estruturas reconhecíveis na paisagem, construídas com pedras e terra e que aparecem tanto isoladamente quanto em conjuntos (Beber, 2004; Schmitz, 1991).

As habitações características deste sistema de assentamento são nomeadas na arqueologia como casas subterrâneas e popularmente conhecidas como “buracos de bugres”, consistindo em grandes buracos em solos sedimentados (Copé, 2013), com tamanhos variados, as quais eram cobertas por troncos, palha e terra (Schmitz, 1991). Em seus interiores, são encontrados vestígios de fogueira, artefatos líticos e pedaços de cerâmica, além de restos do intenso uso do pinhão, alimento fundamental na dieta destes grupos (Copé, 2013).

A região da Criúva foi objeto de pesquisas arqueológicas nos anos 60, na ocasião realizadas pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz e Fernando La Salvia, e novamente entre os anos 2003 e 2005, na ocasião de realização do Projeto São Marcos do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Foram referenciais para as ações de turismo local as incursões realizadas pelo arqueólogo Rafael Corteletti, cujas pesquisas resultaram na publicação do livro “Patrimônio Arqueológico de Caxias do Sul” (Corteletti, 2008).

O estudo de campo de Corteletti realizado em 2006 foi acompanhado pelos proprietários da empresa Criúva Agência de Viagens Limitada¹², que desde então desenvolve o receptivo turístico com visita guiada aos sítios então prospectados da região, atendendo à proposição do próprio arqueólogo.

Aplicando-se a metodologia de hierarquização de atrativos, identifica-se o médio potencial de atratividade do conjunto de sítios que apresenta aspectos excepcionais para o país, com capacidade de motivação de correntes potenciais de visitantes oriundos de outros Estados se comercializado em conjunto com outros atrativos próximos.

O produto turístico é comercializado como “Criúva Indígena” e “Roteiro Kaingang” e desenvolveu-se como proposta de turismo pedagógico atingindo, atualmente, um público mais abrangente. A oferta do serviço ocorre em forma de *forfait*¹³, sendo possível realizar a visita em propostas associadas ao ecoturismo e ao turismo de aventura, que abrangem desde um turno de visitas até dois dias com pernoite (em acampamento ou meios de hospedagem), trilhas com maior ou menor nível de dificuldade, com trajetos mais curtos (com cerca de 2km) até percursos mais extensos (chegando a somar 23km). Os grupos são atendidos com público não superior a doze integrantes. O grau de uso do atrativo ainda é baixo, mas apresenta representatividade média pela singularidade das estruturas subterrâneas cuja ocorrência se dá apenas nas regiões do planalto do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

A sede da empresa promotora das atividades, a “Casa Verde”, de onde partem as incursões comercializadas, concentra a infraestrutura disponível e está localizada na área mais urbanizada do distrito. O local também oferece serviço de alimentação.

Dos dez sítios existentes em Criúva na ocasião da estruturação da proposta de uso turístico (2006), a empresa promove a visita a seis, todos com acesso bastante difícil. Nesses, não há adaptações das estruturas para a recepção de turistas, inexistindo qualquer tipo de infraestrutura *in situ*, o que torna ainda mais necessário o acompanhamento do monitor para a garantia da redução de impactos da visita. Os sítios passíveis de visita são compostos por remanescentes de estruturas de casas subterrâneas e montículos, sendo bastante difícil o reconhecimento destas estruturas.

Observando o interesse dos visitantes sobre o formato original das estruturas relacionadas à tradição Taquara, foram criadas réplicas em tamanho real de uma casa subterrânea (Figura 1) e de montículos funerários, as quais são visitadas ao longo dos itinerários turísticos.

Em termos de caracterização de segmento, é perceptível a aproximação teórica com o Ecoturismo, especialmente quando enfocando a responsabilidade com a sustentabilidade do ambiente e dos patrimô-

nios envolvidos; e do turismo de aventura, pela vivência de atividades de risco controlado. Estabelece vínculos com o Turismo em Espaço Rural em decorrência da área de implantação dos sítios, mas acaba se afastando do Turismo Rural propriamente, já que não utiliza a ruralidade como atrativo turístico. É da referida ruralidade, entretanto, que decorrem os impactos antrópicos de destruição dos sítios cuja paisagem circundante encontra-se em estado regular.

Figura 1: Réplica de casa subterrânea na Comunidade de Criúva, Caxias do Sul/RS



Fonte: acervo das autoras

O apoio da comunidade local é razoável, sendo possível estabelecer uma aproximação com o Turismo de Base Comunitária, considerado um modo de desenvolver a atividade turística que concentra na comunidade local o processo decisório acerca do turismo.

3.2. Sítio RS-TQ-58 Garivaldino Rodrigues

Localizado na comunidade de Batinga Sul, no município de Brochier, na região turística do Vale do Caí, o sítio RS-TQ-58 Garivaldino Rodrigues está registrado no Catálogo Nacional de Sítios Arqueológicos ainda relacionado ao município de Montenegro (do qual Brochier emancipou-se no início dos anos 90). Apesar da proximidade com a região do Vale do Taquari, a região encontra-se nas limitações da região turística do Vale do Caí.

Este abrigo sob-rocha foi registrado em 1982 pela equipe do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, o qual, juntamente com a equipe do Centro de Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade de Santa Cruz (UNISC), escavou o local em 1987 e 1989 (Buchaim, 1999 e Ribeiro e Ribeiro, 1999).

A interpretação dos dados arqueológicos indicou a ocorrência de ao menos dois momentos distintos em termos de tradição arqueológica: inicialmente de sucessivas ocupações Umbu, as quais apresentaram algumas das datações mais antigas do Rio Grande do Sul (cerca de 9600 anos). O padrão de ocupação Umbu é considerado o mais remoto do estado e apresenta sítios arqueológicos dispersos no território, normalmente próximos a fontes de água, sendo as primeiras ocupações, de acordo com Monticelli *et al* (2005), localizadas no extremo oeste do estado.

Caracterizada pela confecção de artefatos líticos e pela longa permanência dos padrões dos artefatos, a tradição Umbu encontra indícios de permanência até cerca de 2500 anos antes do presente, sendo a ponta de projétil o artefato diagnóstico. O nomadismo, a caça e a coleta e a busca por abrigos sob-rocha e a céu aberto predominam nos modos de subsistências destes grupos humanos. É importante destacar

a ocorrência de grafia rupestre em baixo relevo (petróglifos) associada a alguns sítios de tradição Umbu (Schmitz, 1991).

A arqueologia sustenta que, por volta de 700 anos atrás, o sítio RS-TQ-58 passou a receber ocupações relacionadas à tradição Taquara, ali caracterizadas pela ocorrência de uma cerâmica muito fina.

Nos anos que sucederam após a escavação pela equipe de Mentz Ribeiro em 1987 e em 1989, o IAP realizou pesquisas relacionadas à análise zooarqueológica neste sítio (Rosa, 2009), a qual forneceu indicativos relacionados à subsistência dos grupos humanos que ali viveram antes da colonização.

Entre 2006 e 2009, o Projeto de Pesquisa Arqueológica do Vale do Caí (PACA), desenvolvido pela arqueóloga Adriana Schmidt Dias, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou novos estudos no sítio, identificando pequenos petróglifos, gravuras rupestres entalhadas em baixo relevo, nas paredes do abrigo.

O turismo local é desenvolvido pela operadora turística MasBah Turismo e Aventura desde 2016, ligado a uma proposta de atividade eco-rural denominada Paleotrilha¹⁴. O projeto de desenvolvimento do turismo nasceu da iniciativa de três estudantes do Curso Técnico em Guia de Turismo do município vizinho de Montenegro que objetivavam o estabelecimento de uma proposta de roteirização de base histórica.

A demanda de visitação, ainda bastante incipiente, apresenta fluxos turísticos irregulares em grupos de aproximadamente 15 pessoas, sempre acompanhados por guia de turismo, com incidência de cerca de um ou dois grupos ao ano, de acordo com os dados da operadora, indicando um grau de uso atual de pequeno fluxo. O ecoturismo, através da proposição de contato com a natureza, é elemento central na atratividade, mas que também encontra importância na associação com práticas de turismo rural, como a visitação a fornos de carvão, a degustação de produtos coloniais e o contato com os modos de vida do meio rural da região.

Apesar do baixo potencial de atratividade pela dificuldade de identificação dos grafismos, o local apresenta aspectos expressivos capazes de interessar visitantes oriundos de lugares do próprio país que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, com potencial de motivação de fluxos turísticos regionais e locais. A mediação turística um papel significativo na atribuição valorativa e no controle de impactos do atrativo.

Figura 2: Foto recente do sítio Afonso Garivaldino Rodrigues, Brochier/RS



Fonte: Fetzner, 2016

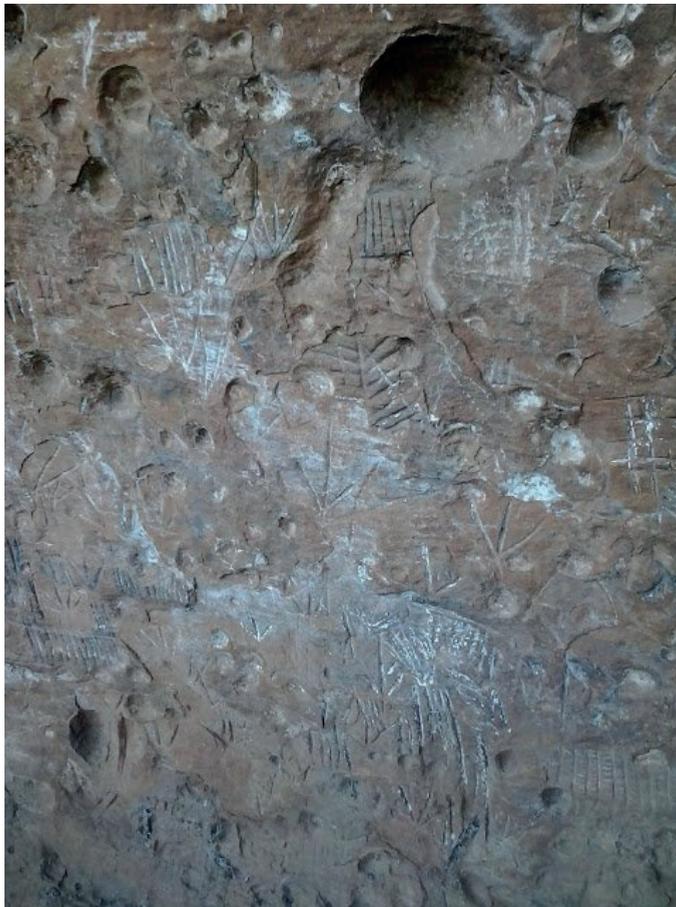
O sítio arqueológico não apresenta singularidade, sendo sítios desta tradição comuns no Rio Grande do Sul, apesar das datações para presença humana no RS-TQ-58 serem muito antigas. O apoio comunitário é razoável, sendo possível identificar interesse da comunidade pelo desenvolvimento do turismo no local, pois este favorece o comércio de produtos desenvolvidos pelas propriedades e apresenta-se como uma possibilidade de complementação de renda.

Da ausência de infraestrutura *in situ* decorrem fatores antrópicos de degradação relacionados a visitas sem acompanhamento e à própria atividade rural do entorno, que compromete a paisagem circundante que se encontra em estado regular. O acesso ao local é precário, somente sendo possível a pé.

3.3. Abrigo da pedra grande

O sítio da Pedra Grande, em São Pedro do Sul, localizado na região turística Central, representa a referência estadual em termos de arte rupestre. Ali registra-se a ocorrência de petróglifos de grandes dimensões, formando um painel de cerca de 24m de comprimento por 2m de altura em bloco de arenito Botucatu¹⁵ (Goldmeier e Schmitz, 1987).

Figura 3: Petróglifos do Abrigo da Pedra Grande no município de São Pedro do Sul/RS



Fonte: SantAnna, 2016

O local é referenciado por Lima (2005) como RS-MJ-07, por Goldmeier e Schmitz (1987) como RS-SM-07. O interesse arqueológico pelo sítio teve início na década de 1930, quando o local era conhecido como Ribeirão, e foi fotografado por Vicentino Prestes de Almeida cujas fotos foram publicadas em

1936 por Antônio Serrano (Lima, 2005), mas foi efetivamente identificado por Schmitz e Brochado em 1969. O abrigo foi escavado em 1971 pela equipe do IAP¹⁶, apresentando a datação aproximada de 2790 a.P. A ocupação mais antiga é relacionada às tradições caçadoras-coletoras Humaitá e Umbu (Goldmeier e Schmitz, 1987), sendo deste período os grafismos no local. As datações mais recentes, de cerca de 600 a.P., identificam a presença da tradição Guarani, havendo na parte de trás do sítio rupestre um sítio secundário, indicado por Goldmeier e Schmitz (1987) como a Redução Jesuítica de São José e por Brochado (2001, *apud* Zuse, 2009) como São Miguel¹⁷, relacionada ao Primeiro Ciclo Missionário do estado.

Na segunda metade da década de 1980, equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM), sob a responsabilidade do professor Vitor Hugo da Silva, realizou algumas coletas superficiais no local, e em julho de 1997 os arqueólogos Klaus Hilbert e José Proença Brochado intervêm na área atribuída à redução jesuítica (Zuse, 2009). Em 2002, o arqueólogo Saul Milder e a equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM) realizou a mais recente escavação, utilizando plotagem tridimensional (Zuse, 2009). Em 2012, equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) realizou a digitalização tridimensional a laser dos petróglifos do abrigo.

O sítio fica distante cerca de 10km do centro da cidade, na localidade de Pedra Grande, próximo ao CTG Pedra Grande e à Igreja Nossa Senhora Aparecida. É apontado pelo estudo de Roso e Isaia (2006) como o atrativo referencial para a promoção da imagem turística do município. O local é amplamente promovido como atrativo turístico pela Prefeitura Municipal e pela Secretaria Estadual de Turismo, Esporte e Lazer (SETEL/RS). Comercializado por agências receptivas de Santa Maria (Na Trilha Ecoturismo e Aventura e Eventur), normalmente em associação a outros atrativos locais o enquanto componente da Rota Paleontológica¹⁸ do estado.

Aplicando-se a metodologia de hierarquização de atrativos, verifica-se um grau de uso atual médio, mas é importante considerar a ausência de mecanismos de acompanhamento de fluxos turísticos, os quais ocorrem majoritariamente sem mediação ou monitoria, havendo muitos relatos de vandalismo. O potencial de atratividade é alto, considerando-se a representatividade e fácil visualização dos petróglifos, sendo o apoio local comunitário razoável. O estado de conservação do ambiente circundante é baixo devido à ocorrência de construções muito próximas. A inexistência de infraestrutura local é a principal problemática observada e o acesso necessita melhorias.

4. Considerações finais

O Turismo arqueológico emerge no cenário mundial como uma possibilidade de extroversão e de valorização do patrimônio arqueológico. No cenário brasileiro, é considerado um subsegmento do turismo cultural, mas os estudos relacionados ao uso turístico de sítios pré-coloniais demonstram uma associação do produto ao ecoturismo.

No Rio Grande do Sul, estado mais meridional do país, o turismo arqueológico ganha destaque em sítios históricos, a exemplo do Parque Histórico Nacional das Missões. Buscando identificar as ações de aproveitamento turístico de sítios pré-coloniais, este estudo mapeou o uso turístico de sítios ligados a tradições pré-coloniais, identificando a ocorrência em apenas seis locais dispersos em diferentes regiões turísticas do estado.

Referente aos sítios com fluxos turísticos irregulares ou espontâneos, foi identificado o sítio Sambaqui do Capão Alto (RS-LN-19), situado na área central do município litorâneo de Xangri-lá, na região turística do Litoral Norte Gaúcho. Acerca de sítios promovidos enquanto atrativos turísticos por órgãos de gestão turística, foram identificados o Sítio Capivara ou Capivari I (RS-C-43), localizado na área central do município de Lindolfo Collor, na região turística do Vale do Rio dos Sinos; e o Parque Arqueológico do Homem do Planalto das Araucárias (PAHPA) abrangendo o sítio RS-PE-42 e outros, localizado no município de Pinhal da Serra, na região turística dos Campos de Cima da Serra.

Quanto aos sítios pré-coloniais integrantes de roteiros turísticos comercializados, a pesquisa indicou três ocorrências em território sul-rio-grandense: no conjunto de sítios na Comunidade de Criúva, interior do município de Caxias do Sul, na região turística da Uva e Vinho; no Sítio Garivaldino Rodrigues (RS-TQ-58) no interior do município de Brochier, região turística do Vale do Caí; e no Abrigo da Pedra Grande (RS-SM-07), em São Pedro do Sul, na região turística Central.

O estudo destes três *cases* aponta para uma associação aos segmentos de ecoturismo e turismo rural, sendo um ponto em comum a oferta não ter apelo exclusivamente voltado aos atrativos arqueológicos. Foi possível constatar que a iniciativa privada tem grande importância na consolidação das práticas

turísticas deste cenário e que a mediação turística é relevante não só para a preservação e para a redução de impactos, mas também na própria interpretação patrimonial. Os mecanismos de acompanhamento de fluxos turísticos são praticamente inexistentes neste cenário, mas verifica-se que o turismo tem relevância enquanto possibilidade de extroversão do patrimônio arqueológico destes locais.

Agradecimentos

As autoras agradecem à Universidade Feevale e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – Brasil) pelo financiamento desta pesquisa por meio da bolsa taxar CAPES/PROSUC concedida à autora Thais Gaia Schüler para realização do Mestrado no Programa de Pós Graduação em Processos e Manifestações Culturais.

Bibliografia

- Alfonso, L.P. 2012. *Arqueologia e turismo: sustentabilidade e inclusão social*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP, São Paulo (SP).
- Barreto, M. 2002. *Manual de iniciação ao estudo do Turismo*. São Paulo (SP): Papirus.
- Bastos, R. L. 2006. *Arqueologia Pública e Gestão do Patrimônio Cultural* In *Revista Arkeos* V. 16: 111-125. Acessado em 12.09.2018 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1431236>.
- Bazotti, L.S. 2012. *Cronologia do turismo de aventura no Rio Grande do Sul*. In *Anais do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SeminTUR) 2008* Universidade de Caxias do Sul (UCS) Caxias do Sul (RS). Acessado em 10.07.2018. Disponível em https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/06/04_23_54_Bazotti.pdf.
- Beber, M.V. 2004. *O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: o caso da Tradição Taquara-Itararé*. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo (RS).
- Bisinella, C.A.D.R. 2012. *Por uma arqueologia fenomenológica: Experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS)*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre (RS).
- Buchaim, J. 1999. *Estudos arqueológicos do abrigo RS-TQ-58, Montenegro, RS, Brasil*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre (RS).
- Chamas, C.A.P.C. 2008. *A gestão de um patrimônio arqueológico e paisagístico: Ilha do Campeche/SC*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis (SC).
- Copé, S.M.(org). 2013. *12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul*. Catálogo de exposição Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre (RS).
- Corteletti, R. 2008. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre (RS): Nova Prata.
- Dias, A.S. 2006. *Relatório Final Projeto Arqueológico do Vale do Caí (PACA)*. Biênio 2004-2006. Porto Alegre (RS): Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
- Dias, A.S.; Jacobus, A.L. 2000. *Quão antigo é o povoamento do Sul do Brasil?* In *Taller Internacional de INQUA La Colonización del Sur de America durante la Transición Pleistoceno/Holoceno*, Universidad Nacional de La Plata. Acessado em 15.06.2017. Disponível em <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/03/4-3b-dias-a-s-jacobus-a-quc3a3o-antigo-c3a9-o-povoamento-do-sul-do-brasil.pdf>>.
- Fernandes, D.L.; Menezes, V.O. 2010. *Avaliação e Hierarquização dos Atrativos Turísticos de Irati-PR* In *Revista Capital Científico*, V.7 n.1: 73-84. Acessado em 25.08.2018. Disponível em <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/716/1279>
- Ferreira, D.A. 2013. *O turismo arqueológico em debate: Diagnóstico do uso do patrimônio arqueológico no município de Carnaúba dos Dantas/ RN*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife (RN).
- Fetzner, P.R. 19.09.2016. *Sítio Arqueológico RS-TQ-58* [Facebook MasBah Turismo e Aventura]. Acessado em 25.08.2018. Disponível em https://www.facebook.com/pg/masbah.turismo/photos/?tab=album&album_id=1092651244082361
- Filho, R.C.O.; Monteiro, M.S.L. 2009. *Ecoturismo no Parque Nacional Serra da Capivara: trata-se de uma prática sustentável?* In *Revista Turismo em Análise*, V.20, n.2: 230-250. Acessado em 02.01.2018. Disponível em <http://www.journals.usp.br/rta/article/view/14183/16001>.

- Goldmeier, V.A.; Schmitz, P.I. 1987. *Os artefatos Líticos do Abrigo da Pedra Grande (RS-SM-07)* In *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, IAP.
- Godoy, R. 2015. *Arqueoturismo no Cerrado e na Amazônia: dois pedaços de um mesmo pote* In *Revista de Arqueologia Pública*. V.9, n.2: 87-107. Acessado em 13.06.2017. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8642870>.
- Jacobus, A.L.; ROSA, A.O. 2013. *Antigos habitantes do quadrante patruhense e os animais* In *Antropologia*, N.70: 241-254, São Leopoldo (RS): Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP).
- Kneip, L.M; Crancio, F.; Francisco, B.H.R. 2017. *O Sambaqui da beirada (Saquarema - Rio de Janeiro)* In *Revista de Arqueologia*. V. 5, nº 1: 41-54. Acessado em 15.02.2018. Disponível em: <http://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/67>.
- Lima, T.V. 2005. *Estudo das representações rupestres do Rio Grande do Sul / Brasil*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre (RS).
- Lopez, D.O.; Moreno, Y.C. 2018. *Arqueoturismo ¿un fenomeno en auge? Reflexiones acerca del turismo arqueologico en la actualidad en España* In *Pasos El Sauzal*. V.16, n.3: 599-615. Acessado em 02.10.2018. Disponível em http://www.pasosonline.org/Publicados/16318/PS318_04.pdf.
- Machado, A.J. 2008. *Avançar, adaptar e permanecer: a tradição Tupiguarani no médio Rio das Antas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo (RS).
- Marchette, T.D. 2016. *Educação Patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil*. Curitiba (PR): Intersaberes.
- Ministério da Cultura do Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 26.04.2016. *Portaria 137/2016*. Diário oficial da União n.81 – seção 1:6. Acessado em 13.04.2018. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf.
- Ministério da Cultura do Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 26.03.2015 *Instrução Normativa 01/2015*. Diário Oficial da União n.58 – seção 1:11. Acessado em 12.04.2018. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/INSTRUCAO_NORMATIVA_001_DE_25_DE_MARCO_DE_2015.pdf.
- Ministério do Turismo do Brasil. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. 2010. *Turismo Cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo.
- Ministério do Turismo do Brasil. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. 2007. *Módulo operacional: Roteirização turística*. Brasília: Ministério do Turismo.
- Monticelli, G. et al 2005. *Um sítio arqueológico inédito em Lavras do Sul/RS* In *Revista Textura*. N.11: 5-10. Acessado em 10.06.2017. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/752>.
- Moraes, T.V. 2012. *Breve análise sobre a arqueologia missioneira e as ações de extroversão (1980-1995)* In *Revista Tempos Acadêmicos - Dossiê Arqueologia Histórica*, N.10: 164-171. Acessado em 15.06.2017. Disponível em <http://periodicos.unesc.net/historia/article/view/1118/1077>.
- Noelli, F.S. 2000. *A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000* In *Revista da USP*, N.44: 218-269. Acessado em 28.05.2017. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/29849/31735>.
- Nóbrega, W.R.M.; Araújo, F. 2015. *Cultura, turismo e desenvolvimento: reflexões acerca do potencial arqueológico no município de Carnaúba dos Dantas (RN)* In *Revista Brasileira de Ecoturismo*, V.8, n.1: 93-114. Acessado em 10.12.2017. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19172>.
- Oliveira, L.D. 2005. *Síntese histórica do povoamento do Rio Grande do Sul* In *Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul*. Canoas (RS): ULBRA: 11-34.
- Oliveira, R.A. 2011. *Memórias da ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro: um estudo de caso do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro (RJ).
- Ribeiro, P.A.M.; Ribeiro, C.T. 1999. *Escavações Arqueológicas no Sítio RS-TQ-58, Montenegro, RS, Brasil*. Rio Grande: FURG.
- Rosa, A.O. 2009. *Análise Zooarqueológica do Sítio Garivaldino (RS-TQ-58) Município de Montenegro, RS*. In *Antropologia*, N.67: 133-171. São Leopoldo (RS): Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP). Acessado em 06.06.2017. Disponível em <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/antropologia67/Rosa.pdf>.

- Roso, M.R.D.; Isaia, L. 2006. *Construção da Imagem Turística de São Pedro do Sul a partir de sua singular identidade patrimonial* In *Revista Sociais e Humanas da UFSM*, V.19, n.2: 33-43. Acessado em 02.03.2018. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/sociais/humanas/article/view/1380/801>.
- Santanna, F. 20.06.2016. *Pedra Grande. São Pedro do Sul* [Blog Cenras Perdidas do RS]. Acessado em 30.05.2017. Disponível em <http://cenasperdidas.blogspot.com/search/label/S%C3%A3o%20Pedro%20do%20Sul.RS.S%C3%ADtio%20Arqueol%C3%B3gico%20da%20Pedra%20Grande>.
- Scatamacchia, M.C.M. 2005. *Turismo e Arqueologia*. São Paulo (SP): Aleph.
- Schmitz, P.I. 1991. *Pré-História do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo (RS): Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP).
- Silva, A.F. 2010. *Estratégias materiais e espacialidade: uma arqueologia da paisagem do Tropeirismo nos Campos de Cima da Serra*. Jaguarão (RS): Fundação Universidade Federal do Pampa.
- Souza, C.G.S. 2012. *O Turismo Arqueológico na Preservação do Patrimônio Cultural: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis – GO*. Dissertação de Mestrado, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, Rio de Janeiro (RJ).
- Veloso, T.P.G. Cavalcanti, J.E.A. 2007. *O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico* In *Revista de Arqueologia*, N.20: 155-168. Acessado em 06.06.2017. Disponível em <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/232>.
- Wagner, G.P. 2009. *Sambaquis da barreira da Itapeva uma perspectiva geoarqueológica*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre (RS).
- Zuse, S. 2009. *Os Guarani e a Redução Jesuítica: Tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio da Pedra Grande e entorno*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de São Paulo, MAE/USP, São Paulo (SP).

Notas

- ¹ De acordo com dados coletados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN em setembro de 2018.
- ² Parque Histórico Nacional das Missões Jesuíticas Guaranis, criado em 2009 por meio do decreto nº6.844, abrangendo a área dos sítios arqueológicos com ruínas remanescentes das reduções jesuíticas de São Miguel Arcanjo (localizado no município de São Miguel das Missões), de São Lourenço Mártir (em São Luiz Gonzaga), de São Nicolau (em São Nicolau), e o de São João Batista (em Entre-Ijuís).
- ³ Programa de preservação do patrimônio cultural do Brasil com fundos do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento e apoio técnico da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com ênfase nos sítios e conjuntos urbanos. Iniciado em 1995, desde 2006 trabalha com programas educativos e com a capacitação de mão de obra especializada no que se relaciona a restauro e turismo, entre outras atividades (Marchette, 2016).
- ⁴ São considerados órgãos de gestão turística: governanças ou setoriais regionais, prefeituras municipais, secretaria estadual de turismo, associações de fomento turístico, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE), etc.
- ⁵ A exemplo do Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEPA/UNISC), o Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (IAP/Unisinos), o Laboratório de Arqueologia da Universidade do Vale do Taquari (Univates), o Laboratório de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL) e o Laboratório de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Rio Grande (LAE/FURG).
- ⁶ Cientes da limitação de nosso estudo, acreditamos que outras áreas possam desenvolver atividades de interesse semelhante.
- ⁷ Na sigla atribuída a um sítio arqueológico na ocasião de sua identificação pelo estudo arqueológico, as duas primeiras letras indicam o estado da Federação, a terceira e a quarta normalmente indicam a bacia hidrográfica de localização, e os números finais a ordem de registro.
- ⁸ Este estudo ainda investigou o atrativo turístico “Caverna Indígena”, comercializado por agências de turismo e promovido pela Prefeitura Municipal do município de Veranópolis, na região turística da Uva e Vinho. A pesquisa arqueológica, entretanto, indicou insuficiência de evidências materiais que justificassem a pesquisa arqueológica no local, que foi visitado pela equipe de arqueólogos do Programa de Arqueologia desenvolvido pelo CEPA/UNISC para a instalação do Complexo Energético Rio das Antas, especificamente da área UHE 14 de julho e imediações (Machado, 2008)

- ⁹ Trabalho completo e apresentação oral de nossa autoria acerca do turismo desenvolvido nesta localidade foi apresentado no Seminário Internacional de Pós-Graduação do Inovamundi da Universidade Feevale, ocorrido em outubro de 2018.
- ¹⁰ Designação da atividade econômica desenvolvida no Brasil entre os séculos XVII e XIX que envolvia empreitadas de condução de tropas de gado, de muares e de cavalos do Rio Grande do Sul para o abastecimento do mercado consumidor do sudeste e centro do país (Silva, 2010).
- ¹¹ Os estudos arqueológicos relacionados ao povoamento da região sul do Brasil indicam a ocorrência de três grandes levas migratórias (Copé, 2013; Noelli, 2000; Oliveira, 2005; Schmitz, 1991): a primeira, ocorrida há aproximadamente 11 mil AP, no início do Holoceno, cuja caracterização dos modos de subsistência relaciona-se à caça e à coleta (tradições Umbu, Humaitá, Vieira e Sambaquieira); a segunda, relacionada à chegada dos povos horticultores (Taquara e Guarani); e a terceira onda migratória, caracterizada pela conquista deste território pelo europeu, a qual alterou significativamente as formas de relação humana (Copé, 2013).
- ¹² O foco da empresa, em funcionamento desde 2001 (Bazotti, 2012) é o Turismo de Aventura, sendo devidamente certificada pelo Programa Aventura Segura do Ministério do Turismo.
- ¹³ Roteiro turístico formatado atendendo à solicitação e à demanda de cada cliente (Barreto, 2002).
- ¹⁴ Recentemente, o produto turístico vem sendo comercializado também com o nome de Trilhas e Trilhos.
- ¹⁵ As medidas do bloco de pedra em si são de aproximadamente 86m de comprimento por 8,5m de altura (Zuse, 2009).
- ¹⁶ Material escavado sob a guarda do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEPARQ/UFRGS).
- ¹⁷ A problemática histórica acerca do nome da redução é discutida por Zuse (2009).
- ¹⁸ Importante indicar tratar-se de um sítio arqueológico e não paleontológico.

Recibido: 27/11/2018
Reenviado: 09/01/2019
Aceptado: 07/10/2019
Sometido a evaluación por pares anónimos